



ILAESE



Esta cartilha é uma produção ILAESE (Instituto Latino Americano de Estudos Sócio Econômicos) a pedido do Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário Federal no Estado de Minas Gerais (SITRAEMG) para levantar alguns aspectos da Cidade de Ouro Preto, tendo em vistas o passeio que será realizado pelos aposentados e pensionistas no dia 24 de junho de 2016.



Junho 2016

VISITAR OURO PRETO COM OUTRO OLHAR...

INTRODUZINDO...

A historiografia oficial procura omitir as lutas de resistência do povo contra invasores, escravistas, colonizadores e exploradores. Quando muito, os papéis são invertidos e as lideranças populares apresentadas como vilões, traidores, bêbados... Importante dizer que o povo brasileiro sempre resistiu e nessas lutas forjou suas próprias lideranças, porém não importa para as classes dominantes contar este importante lado da história. Esta omissão é intencional, deixando claro a divisão de classes na sociedade. Procuraremos aqui, tratar a história como ciência e abordar os aspectos das lutas da classe oprimida contra a escravidão e a subjugação.

A abordagem da cidade de Ouro Preto será a que privilegia a resistência e organização dos povos africanos e brasileiros contra a escravidão e a colonização portuguesa. Certamente em quase todos os locais do território brasileiro poderemos encontrar essa marca. Cabe-nos olhar com olhos da classe trabalhadora para desvendar as lutas do povo.

Para esta abordagem e nosso pouco tempo, não fixaremos nomes e datas, mas a forma com que os diversos setores da sociedade de uma época determinada se organizaram e reagiram diante da realidade em que viviam buscando sua transformação ou conservação. Desta forma, visamos enriquecer a análise da época estudada e visitar os ambientes na cidade de Ouro Preto procurando entender qual a dinâmica adotada pelos escravos e pelo povo pobre da (não tão pacata) Vila Rica na luta por sua libertação.

Conhecendo a história de luta do povo brasileiro

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Por volta de 1693-1695 iniciaram as expedições chamadas de Bandeiras ou Entradas. Elas tinham como objetivo encontrar o ouro na região do atual Estado de Minas Gerais. A partir daí a economia brasileira passa a funcionar principalmente em função da mineração e da riqueza gerada por ela. Vale lembrar que a cana-de-açúcar, principal produto da economia até então, vivia uma grande crise motivada principalmente pela concorrência do açúcar produzido pelos holandeses nas Antilhas (ilhas situadas no Atlântico). A produção de cana-de-açúcar continuou sendo importante principalmente na região Nordeste do País, contudo Portugal necessitava encontrar uma alternativa econômica que valorizasse novamente suas terras na América.

Desde o início da colonização os portugueses sonharam em encontrar ouro no Brasil. Depois da decadência da lavoura canavieira passaram a ser mais incentivadas as expedições que iam para o interior a procura do metal. Muitas pessoas do Brasil e de Portugal passaram a se deslocar, onde com o tempo surgiram inúmeras vilas como Vila Rica de Ouro Preto, Sabará, Congonhas do Campo, São João Del Rei, etc.

Para Portugal a descoberta significava a possibilidade de sair da crise, por isso, logo no início, foram tomadas medidas para que se garantisse que boa parte das riquezas extraídas fossem parar nos cofres do governo em Portugal. Uma série de regulamentos começaram a ser feitos, as áreas onde era descoberto ouro passaram a ficar sob constante fiscalização de órgãos dirigidos por pessoas de confiança dos portugueses.

Em 1729, foi descoberto o diamante cuja exploração foi ainda mais controlada, com a criação do Distrito Diamantino, área extremamente guardada onde só pessoas com autorização governamental poderiam ter acesso.

Foram muitas formas do governo português garantir uma boa parte do ouro extraído. Já em 1700, foi criado o quinto, imposto que garantia ao governo colonizador a quinta parte de todo ouro extraído. Vinte anos após foram criadas as chamadas Casas de Fundição, onde todo

ouro extraído deveria ser levado, para que fosse fundido, transformando em barras, marcado e cobrado o quinto, ficando proibido o uso do ouro que não tivesse recebido a marca das Casas de Fundição. Apesar desta medida o contrabando do ouro sempre existiu.

Assim como os escravos da região de cana-de-açúcar também àqueles que trabalhavam na região mineradora viviam as mais extremas condições de trabalho: jornada de trabalho de até dezesseis horas, péssimas condições de alimentação e moradia, castigos constantes...

RIQUEZA X RESISTÊNCIA EM MINAS GERAIS

Minas Gerais foi o estado que tinha a maior população de negros no século XVIII. Os homens e as mulheres que chegaram em Minas escravizados na costa oeste africana conheciam profundamente técnicas para extrair ouro e pedras preciosas. A escravização destes sujeitos não foi aleatória. Nos países que viviam havia técnicas de mineração superiores a da colônia brasileira.

Eduardo França Paiva, professor de história da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) explica: “Durante muito tempo se pensou que o tráfico de escravos acontecia da seguinte forma: um negociante, um traficante, chegava num porto africano, nesse porto já estavam aí uma quantidade grande de negros já escravizados, que vinham de vários lugares, e pegava-se todos esses negros, enchia-se um navio. Essa aparente irracionalidade do tráfico parece não ter existido nunca. A maior parte dos escravos africanos que entra nessa região de mineração, são escravos provenientes de regiões mineradoras muito antigas do continente africano. Conheciam técnicas e técnicas específicas, inclusive formas que foram muito utilizadas aqui”.

Podemos concluir, que os homens e mulheres escravizados para trabalhar na mineração em Minas, possuíam uma arma em suas mãos: o conhecimento. Como conheciam as técnicas mais que os donos das minas, os escravos conseguiam ditar o ritmo da produção e parte da riqueza produzida por eles era utilizada para a compra da liberdade daqueles que eram lideranças da sua cidade/país de origem ou que foram se tornando liderança nas minas de Ouro Preto.

Muitos reis e rainhas da África chegaram aqui escravizados, assim como seus súditos e nativos de outros lugares da África. A relação de respeito e hierarquia que os súditos tinham

por seus reis na África, foi transposta para o trabalho nas minas. Portanto, já que considerar essa particularidade da região de mineração nas Minas Gerais para medir a correlação de forças entre exploradores e explorados.

Sem contar, que essa particular organização dos escravos mineradores se somava a resistência do povo que era roubado cotidianamente com a cobrança do quinto e que já não conseguia pagar os impostos. Essa situação criou uma camada paupérrima e perseguida nas regiões de mineração.

A população da região das minas não assistia pacificamente as normas e regulamentos criados pelo governo português. Foram várias revoltas contra a cobrança do quinto e de outras taxas. De 1714 a 1720 aconteceram as Revoltas de Sabará, Revolta de Caetés, Revolta da Vila Pitangui e a Revolta de Felipe dos Santos. Essa última foi um levante dos moradores de Vila Rica contra o anúncio da criação das Casas de Fundição. Durante vinte dias uma intensa onda de protestos tomou conta da cidade, os revoltosos entregaram um documento em que pediam o abandono do projeto da criação das Casas de Fundição. O governador prometeu-lhes estudar a situação, mas na verdade reunia forças para combater o movimento. Uma violenta repressão foi movida, as principais lideranças presas, suas casas destruídas e Felipe dos Santos foi executado e seu corpo esquartejado.

Certamente esse conjunto de acontecimentos fez da cidade de Ouro Preto um barril de pólvora pronto para explodir.

UMA HISTÓRIA QUE NÃO É CONTADA

Mesmo considerando a resistência dos escravos, essa história também não é contada na historiografia oficial. Vários fatores podem nos levar a entender o porquê desta omissão: os escravos não eram contabilizados como seres humanos residentes nos municípios, eram considerados peças que podiam ser vendidas e descartada a qualquer momento. Estima-se o tempo de vida dos homens e mulheres que vinham da África para as regiões mineradoras não passavam de seis anos.

Alguns pesquisadores afirmam que Ouro Preto tenha sido habitada por cerca de 40 mil pessoas, no século 18, porém, é difícil precisar a população, já que em muitas estatísticas

da época os negros não eram contados. Contava sempre os que entravam, porém não havia estimativa de quantos morriam diariamente fruto das condições insalubres de trabalho.

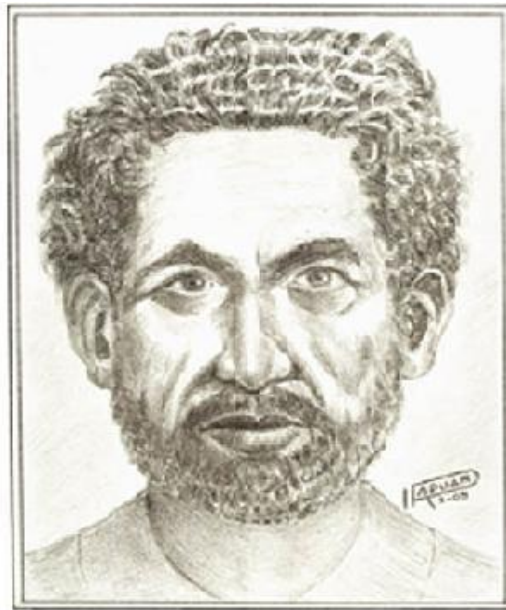
Porque o nome Estrada Real?

O aumento da extração de ouro e pedras preciosas na região de Vila Rica fez o governo criar a famosa Estrada Real, que seguia até o Rio de Janeiro. O professor e geólogo da UFMG, Antônio Gilberto Costa explica: “Nós vamos ter aí um grande fluxo de escravos para a região das minas. Os postos de controle passaram a se justificar para o controle não só do que saía, do ouro que saía, por exemplo, mas também dos escravos que entravam. Então, eram postos aonde eram cobrados impostos por toda mercadoria, mão de obra, que entrava, e bens, ouro, diamantes que saía, então, por isso que ficou esse conceito de Estrada Real”.

A riqueza da região mineradora produziu uma nova classe social. Em nenhum outro lugar do Brasil havia uma proporção tão grande de negros livres. Muitos escravos negociavam com seus proprietários uma forma parcelada de pagar a alforria. Parcelas ou semestrais ou anuais, muitas vezes pagas em ouro em pó. Outras vezes pagas com uma porta, uma galinha ou com prestação de serviço.

Ao final do século XVIII, temos uma nova composição da população dessa área de mineração. Era a maior população de escravos libertos e de nascidos livres não brancos. Mais de um terço, era constituída de ex-escravos e de descendentes de primeira geração. Outro 1/3 é constituído de escravos e o restante de brancos ou quase brancos.

O artista Aleijadinho é um exemplo desta composição social: filho de pai branco e de mãe escrava; nasce escravo e imediatamente é alforriado por seu pai. Não se sabe muitas coisas sobre sua vida, porém, de acordo com a maioria das biografias ele nasceu em 1738, era filho de uma escrava com um mestre-de-obras e escultor chamado Manuel Francisco Lisboa. Foi por meio da profissão do pai que Aleijadinho, ainda na infância, iniciou sua vida artística, aprendendo a entalhar e esculpir. Seu tio Antônio Francisco Pombal, entalhador na cidade de Vila Rica, também contribuiu para seu aprendizado.



O Aleijadinho

No século XVIII as construções religiosas ganhavam destaque na região de Minas Gerais e graças ao ouro às construções ficaram cada vez mais majestosas. Nesse período Aleijadinho começou a se salientar como escultor e projetista. O estilo de Aleijadinho foi continuado e imitado por inúmeros artistas da época. Sua obra mistura diversos estilos barrocos além de concentrar um estilo bastante singular. É possível salientar algumas características do estilo de Aleijadinho como: expressividade acentuada; queixo dividido; nariz proeminente, olhos amendoados e pupilas planas; boca entreaberta; braços curtos; entre outros.

Como material em suas obras de arte utilizou principalmente a pedra-sabão e a madeira. Provavelmente, em torno dos 40 anos o artista começa a desenvolver uma doença degenerativa, embora não se saiba com certeza qual a doença que o debilitou muitos historiadores sugerem que tenha sido hanseníase. Com o passar do tempo foi perdendo os movimentos dos pés e das mãos. Mesmo sofrendo com as limitações do corpo, continua trabalhando com a ajuda de um discípulo. Aleijadinho pedia que amarrasse as ferramentas em seus punhos para conseguir trabalhar, demonstrando grande paixão pelo trabalho.

Mesmo sofrendo preconceitos em função da sua condição de mestiço, sua arte o consagra como grande artista barroco brasileiro. Morreu pobre e doente na cidade de Ouro Preto no dia 18 de novembro de 1814.

A CASA DOS CONTOS



Um pouco da história dos escravos e do dinheiro produzido pelo garimpo no século XVIII foi preservado na Casa dos Contos de Ouro Preto. Construída por uma espécie de banqueiro da época, virou sede da administração e contabilidade pública e foi restaurada nos anos 80.

O gerente regional do Ministério da Fazenda em Minas Gerais e responsável pela Casa dos Contos de Ouro Preto contou que no período da restauração a senzala, que hoje tem um piso pé-de-moleque original, em sua maior extensão foi encontrada recoberta por cerca de 40 centímetros de terra batida, e ao pesquisá-la apareceram vários cadinhos jogados e que hoje encontram-se em exposição na própria Casa de Fundição, junto com uma exposição da Casa da Moeda do Brasil.

Cadinhos (do latim catinu, significando tigela, bacia, cavidade) são vasos em forma de tronco de cone, feitos de materiais altamente refratários e temperados para resistir a aquecimento extremo, utilizados em fundição de metais, calcinação de substâncias ou em outras operações químicas que exijam um alto grau de calor. Resistem a temperaturas elevadas graças aos materiais de que são compostos, como argila, grafite, porcelana, ferro, prata, platina, entre outros.

Esses cadinhos eram usados para fundir o ouro que os escravos conseguiam esconder nos cabelos, unhas, dentro da boca etc. Provavelmente quando chegavam na senzala fundiam e guardavam para conseguir acumular e comprar sua alforria.



Senzala na Casa dos Contos

Boa parte da arquitetura barroca de Minas Gerais também é uma herança dos negros. A região de Moçambique toda tem pedras sabão, e inclusive cidades inteiras construídas em pedra sabão. É um mineral que durante muito tempo se pensou que fosse algo exclusivo dessa região central das minas. Por isso todas as igrejas e todas as famosas portadas de Aleijadinho e dos outros escultores são sempre feitas em pedra sabão. Pensou-se muito, durante muito tempo, que isso foi feito com técnica europeia. Não é! São escravos que conheciam técnicas, instrumentos, ferramentas específicas pra trabalhar com a pedra sabão.

A Mina do Chico Rei



Ouro Preto e Mariana surgiram fruto da febre do ouro no século 17, e por isso mesmo parte de sua história aconteceu embaixo da terra, dentro das montanhas, nas minas de ouro.

Uma dessas histórias pode ser revisitada na Mina do Chico Rei, a poucos metros da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (onde Aleijadinho está enterrado). A mina leva o nome do negro que chegou à cidade como escravo, mas foi logo reconhecido rei. Escravos de diversas etnias e nacionalidades se uniram com o objetivo de libertar Chico Rei. Cada escravo roubava uma pequena quantia de ouro para contribuir na compra da carta de alforria dele.

Não se sabe dizer quanto tempo levou, mas a carta foi comprada e Chico Rei libertado. Com medo de uma rebelião depois de observar tamanha organização dos escravos para alforriar o seu líder, as autoridades permitiram que ele fosse coroado na Igreja Nossa Senhora do Rosário. A festa da coroação de Chico Rei deu origem à congada, conforme conta a lenda. Centenas de escravos seguiram o nobre até a igreja cantando e tocando instrumentos de percussão. A história é emocionante, mas somente depois de entrar nos corredores da mina de ouro que chegou a pertencer a Chico Rei, é que se pode ter ideia do sofrimento de tantas pessoas.

Outra versão da alforria de Chico Rei relata que ele veio como prisioneiro de guerra, juntamente com um de seus filhos (a mulher e os outros filhos morreram na travessia do

Atlântico). Rei de sua tribo, lutou para alforriar seus súditos na América, tornando-se líder em Ouro Preto. Transformou-se em uma figura lendária, pois tinha muitos admiradores na população de escravos e também entre os brancos. Um de seus admiradores era o dono da mina em que trabalhava: Major Augusto. Conta a história que Major Augusto estava muito doente e Chico rei foi visita-lo. Negro não entrava em casa de branco, principalmente de branco rico, mas Chico Rei era forro, assim podia entrar. O Major vendeu-lhe a mina que estava dando prejuízos. Chico rei havia dito ao Major: “majó, eu só tenho os braçu”; o major lhe respondeu: “tem tudo e outra coisa que você desconhece: a honra de um homem de bem. Depois que você comprar a mina, compra o chão. A encardideira está no maior terreno; maior que qualquer outro aurífero em Vila Rica”. Chico Rei comprou a mina, trabalhou nela e ofereceu alforria a seus antigos subordinados. A mina escondera o ouro quando de posse do Major e com Chico Rei soltava o ouro para o forro do desterro.

No dia 06 de janeiro de 1747, Vila Rica foi surpreendida com uma festa que desconhecia. Chico Rei e seus súditos alforriados por ele, apareceram na capela de Nossa Senhora do Rosário com uma indumentária surpreendente para Minas Gerais. Dançaram o congado, dança criada por ele.

Todos sabiam que a mina de ouro só rendia para alforriar os escravos. Foi uma vida de sofrimentos, mas, também de muitas alegrias. Chico Rei morreu de hepatite aos 72 anos de idade.

POR DENTRO DA MINA

Dentro da Mina do Chico Rei há corredores com apenas 60 centímetros de altura, onde é preciso passar se arrastando no chão lamacento. As escavações montanha adentro eram feitas apenas com ferramentas manuais seguindo o veio de quartzo, rocha perto de onde o ouro se deposita. Quando um grande bloco de quartzo era encontrado, os escravos eram orientados a escavar seu entorno, já que o metal precioso estava sempre em cima ou embaixo do material.



Dentro da Mina do Chico Rei

Este mesmo padrão de escavação pode ser visto na mina de Jeje Nagô. Todos os negros da região da costa noroeste da África eram chamados de Nagô; e Jeje era a nação dos habitantes do reino de Daomé. Nesta mina há uma grande galeria central, onde se vê um grande bloco de quartzo, uma rachadura no teto faz o visitante sentir uma parcela do medo enfrentado diariamente ali pelos trabalhadores.

Além da vigilância permanente, o trabalho escravo realizado na mineração apresentava péssimas condições. Muitos escravos não suportavam mais do que seis anos nessa atividade; e rotineiramente aconteciam mortes prematuras relacionadas às condições de trabalho insalubre e aos acidentes de trabalho.

Dessa forma, os escravos trabalhavam sob o risco de morrer através de soterramento ou afogamento causado pelo rompimento das barragens de contenção das minas – esse era o acidente de trabalho mais comum nas minas e que mais vitimava os escravos. Além disso,

os escravos exerciam o trabalho sob péssimas condições de salubridade, ficavam dentro da água por muito tempo (expostos a baixas temperaturas), enquanto outros ficavam muito tempo dentro das minas, nas cavernas (onde estavam sujeitos à baixa umidade e à falta de oxigênio).

Além das péssimas condições de trabalho, os negros escravizados enfrentavam carências de alimentação e sucumbiam à proliferação de várias doenças, ocasionando um grande número de óbitos. O trabalho escravo na região das minas não ficou somente restrito à extração do ouro, pois os escravos realizavam diferentes funções, como atividades ligadas ao transporte, comércio (ambulante) e à construção de pontes, ruas e edifícios. O trabalho nas minas foi considerado a forma de trabalho mais penosa e pesada desempenhada pelos africanos escravizados no Brasil.



Esculturas representando escravos nas minas subterrâneas no século XVIII.



A CRISE DA MINERAÇÃO

De 1700 até 1760, a extração do ouro e diamantes na região das minas garantiu aos cofres portugueses uma imensa fortuna, mas a partir daí a produção era cada vez menor e as dificuldades dos mineradores para pagar os pesados impostos só aumentava. Desde 1734, foi estabelecido que os impostos arrecadados deveriam atingir a cota mínima de 100 arrobas (1500 quilos) e em 1750, foi criada a Derrama que estabelecia que quando a arrecadação não atingisse o valor estabelecido, a parte que faltasse seria cobrada da população mineira.

O governo português não reconhecia o declínio da mineração e acreditava que os mineradores que sonegavam os impostos. Em 1769, foi anunciada a derrama, já que por seis anos não se conseguia atingir a cota mínima de arrecadação, mas o governador temendo a revolta da população cancelou a cobrança dos impostos. Em 1789, novamente foi marcada a Derrama, só que desta vez o seu anúncio provocou uma reação mais radical de setores da população. Aconteceu neste momento o que chamamos de CONJURAÇÃO MINEIRA.

A CONJURAÇÃO MINEIRA

Toda insatisfação acumulada pela população da região das Minas levou um grupo de revolucionários a concluir que a única solução seria a separação definitiva do Brasil e Portugal. Associado aos acontecimentos no Brasil, jogava a favor da Conjuração as transformações importantes que o mundo passava, como a luta contra governos absolutistas na Europa, as ideias Iluministas que reforçava a luta do povo e ameaçava as monarquias europeias, inclusive a de Portugal. Tais ideias chegaram nas regiões das Minas e serviram para justificar os interesses daqueles que queriam se ver livres da dominação portuguesa no Brasil.

Pela primeira vez no território brasileiro, homens e mulheres se organizaram para lutar pela independência de Minas Gerais e acreditavam que era o início do processo de luta pela liberação de todo o Brasil.

De fato a Conjuração Mineira deu início a um processo de levantes no Brasil. O governo português sufocou a revolta, executando um de seus líderes – O Tiradentes e exilando vários outros conjurados. Porém esperava-se que este ato fosse exemplo para não mais haver lutas contra a dominaç

ção portuguesa no Brasil. Ao contrário disto, as portas foram abertas para a Conjuração Baiana em 1798 e a Insurreição Pernambucana em 1817.

PARA REFLETIR...

Porque os passeios na cidade de Ouro Preto são direcionados para as igrejas e museus?

Qual o significado do ouro nas igrejas da cidade de Ouro Preto?

Referências Bibliográficas:

CHIAVENATO, Júlio José. As lutas do povo brasileiro. São Paulo: Moderna, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. Razões da Independência.